

**O ENCONTRO ENTRE DOUGLASS NORTH E CELSO FURTADO EM 1961:
VISÕES ALTERNATIVAS SOBRE A ECONOMIA NORDESTINA**

Mauro Boianovsky

Departamento de Economia, Universidade de Brasília (UnB).

Leonardo Monasterio

Diretoria de Estudos e Políticas Regionais, Urbanas e Ambientais (Dirur) do Ipea; Programa de Pós-Graduação em Economia/Universidade Católica de Brasília (UCB).

Em junho de 1961, o economista americano Douglass North visitou o Brasil por três semanas, em missão organizada pelo Departamento de Estado dos Estados Unidos juntamente com o Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas. North proferiu palestras no Rio de Janeiro (traduzidas e publicadas no mesmo ano na *Revista Brasileira de Economia*) e se encontrou com técnicos do Banco do Nordeste em Fortaleza e, especialmente, da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene) em Recife. Esta incluiu conversa privada com Celso Furtado em 20 de junho. Detalhes da visita de North ao Brasil tornaram-se conhecidos com a recente disponibilização, na David Rubenstein Library da Duke University, dos arquivos do economista americano. Mais que a narração da missão, os documentos contêm extensos comentários críticos de North aos projetos de desenvolvimento para o Nordeste propostos por Furtado na recém-criada Sudene. A maior divergência entre Furtado e North se centra na questão da industrialização no Nordeste.

Na visão da Sudene, como se sabe, a indústria seria o único caminho para a região alcançar o desenvolvimento e absorver produtivamente o excesso de força de trabalho. North considera a proposta de industrialização de Furtado inexecutável. Afinal, as razões do parco desenvolvimento industrial do Nordeste seriam o tamanho do mercado regional, a baixa qualidade da mão de obra e a falta dos recursos naturais básicos para o desenvolvimento da atividade industrial. North aceita que poderia haver alguma expansão da manufatura nordestina que fosse voltada para os mercados locais (têxtil), com base em energia (em Pernambuco e Bahia) e salários baratos. Cético quanto ao futuro do Nordeste, North conclui "*This is not an industrial area*".

Ainda sobre a industrialização, a posição de North choca-se com outro ponto central de Furtado. Este argumentou que o elevado preço dos alimentos nas

cidades nordestinas (especialmente Recife) seria um empecilho para o desenvolvimento industrial e, para tal, seria necessário aumentar a oferta local de tais produtos para promover o abastecimento. North rejeita veementemente esta ideia. North é explícito: o problema principal do Nordeste é a superpopulação. Furtado não utilizava os termos de North, mas concordava que havia um problema da superpopulação do semiárido nordestino. Contudo, os autores divergem quanto às dimensões do programa necessário. North considera as metas da emigração da Sudene insuficientes e critica a crença de Furtado de que bastariam poucos núcleos de colonos no Maranhão para que a migração para a região fosse promovida.

Por fim, North aponta que faltaria nos planos da Sudene um plano de larga escala para a educação primária; uma vez que a ênfase dos projetos educacionais de Furtado recaí sobre o ensino superior. Em termos de apoio norte-americano, a recomendação de North é que restariam duas alternativas extremas para Washington: ou não se envolver, ou se envolver profundamente, inclusive na implementação do plano. Como ele era cético de que tal proposta seria seguida, suas recomendações para um envolvimento moderado voltam-se à implantação de centros de pesquisa de agricultura tropical, pesca e relatório geológicos e de recursos hídricos do Vale do Parnaíba, entre outros programas. Se ainda havia concordância na visão de longo prazo de Furtado e da USAID na época, o problema estava nas ações de curto prazo. O economista paraibano criticou fortemente o assistencialismo das ações sociais pontuais do programa de curto prazo do *Northeast Agreement*. Para ele, tais ações eram apenas peças de propaganda, obras de fachada e sem muita preocupação com resultados efetivos. Além disso, as tabuletas da Aliança para o Progresso no Nordeste prejudicariam a Sudene porque atrairiam "contra si os ruidosos movimentos da opinião progressista".

O assassinato do presidente Kennedy naquele mesmo mês e o golpe de 1964 abortaram a realização dos objetivos *Northeast Agreement* nos moldes imaginados pelas partes. Em suma, a missão de North no Brasil e sua investigação sobre a economia nordestina constituíram um instigante estudo de caso sobre aspectos históricos da interação – frequentemente problemática – entre economistas brasileiros e estrangeiros no contexto do diagnóstico, financiamento e avaliação de programas de desenvolvimento econômico.

SUMÁRIO EXECUTIVO